

CAPÍTULO DOIS

**Desafios
à família
no século XXI**

Prof. Doutora Maria da Graça Pereira

Família: Desafios e Oportunidades no Séc.XXI

Introdução

Em 1940 quando questionados sobre os problemas disciplinares que mais afectavam os alunos na sala de aula, os professores referiram por ordem de prioridade, os seguintes sete problemas: conversar, mastigar chiclete, fazer barulho, correr nos corredores, não respeitar as bichas, usarem roupas inapropriadas e não colocar os papeis no cesto do lixo (Lewis, 1989). Em 1980, quando o mesmo inquérito foi repetido novamente, os problemas fundamentais referidos foram os seguintes sete: uso de drogas, álcool, gravidez, suicídio, violações, roubos e assaltos. Nos anos 90 a repetir-se o mesmo inquérito, essa lista incluiria provavelmente, em nossa opinião, além dos problemas acima referidos, o problema da sida e doenças transmitidas sexualmente, o uso de armas e a filiação em gangs.

Os pais e professores dos anos 40 nunca imaginariam que em 50 anos os problemas que iriam afectar os seus netos e bisnetos seriam graves ao ponto de colocarem a vida deles em risco podendo levar mesmo à destruição das próprias famílias.

Antes de passarmos a uma descrição daquilo que pensamos serem os desafios que esperam as famílias nesta viragem de século, gostaríamos de começar por definir o que entendemos por família.

Assim, ao longo deste artigo, definiremos família como qualquer relação sexual ou de pais para filhos entre pessoas normalmente relacionados por parentesco, casamento ou adopção caracterizada por: a) uma vivência junta; b) a formação duma unidade económica; c) identidade dos membros encontra-se associada a esse grupo de pessoas (Lamana & Riedman, 1994). Esta definição parece-nos ser suficientemente abrangente para poder incluir as diversas estruturas familiares que caracterizam a família actualmente.

Passaremos agora aos principais desafios que julgamos ter um impacto determinante na família nesta viragem de século.

Famílias do séc. XXI: Desafios

1. Alteração da Estrutura Familiar

A este nível, neste século, várias são as mudanças que têm abalado a família e que a continuarão influenciar ainda mais no próximo século:

- a) O casamento tem vindo a ser adiado nos últimos anos o que significa que os casais

- se casam cada vez mais tarde e formam família também mais tarde.
- b) A taxa de divórcio aumentou significativamente fazendo com que a proporção da população casada diminua. As projeções indicam que no futuro menos da metade dos casamentos será para a vida inteira, 60% dos segundos casamentos falharão e 2/3 dos primeiros casamentos acabarão em divórcio (Noflon & Moorman, 1987; Castro Martin & Bumpass, 1989).
 - c) Cada vez mais mães estão empregadas e espera-se que na viragem do século essa percentagem continue a subir.
 - d) Sexo pré-marital aumentou, especialmente para as mulheres e essa percentagem continua a aumentar o que traz como consequência um maior número de nascimentos em mães solteiras.
 - e) O número de indivíduos que optam por viver sozinhos está a aumentar e as famílias estão a tornar-se cada vez mais pequenas.
 - f) A proporção da população com idade superior a 65 anos aumentou e uma vez que as famílias revelam uma tendência para adiar o aparecimento dos filhos, isto significa que os pais quando atingirem a meia-idade terão que cuidar dos seus filhos e de seus próprios pais simultaneamente.
 - g) O número de crianças a viver em lares monoparentais aumentou consideravelmente. Isto significa que no próximo século um grande número de crianças viverá numa família monoparental antes de completar os 18 anos.
 - h) A distribuição étnica/racial da população está a mudar e esta tendência tem probabilidade de aumentar.

Do exposto, verifica-se que a tradicional família nuclear que constituía a norma na nossa sociedade até à pouco tempo, está a dar lugar a famílias monoparentais e famílias reconstruídas resultado do aumento significativo dos divórcios, mudanças de valores em relação às mulheres e atitudes sociais em relação à gravidez fora do casamento. Embora estas mudanças tenham aumentado as opções para as famílias, têm também como consequência, criado conflito de papéis e ambiguidade especialmente nas mulheres. A pobreza, especialmente nas famílias monoparentais em que a mãe constitui o chefe de família é um problema grave que juntamente com os poucos recursos e os quase inexistentes modelos de reestruturação familiar, as colocam em perigo contribuindo para a sua fragmentação e isolamento.

Esta fragmentação nas famílias e comunidades parece estar na base dum grande número de problemas sociais com que as comunidades e a sociedade se deparam quer ao nível do abuso sexual quer de comportamentos aditivos (Jiminez, 1990).

2. Violência

Violência atinge vários alvos na nossa sociedade: crianças, casal, família, e comunidade sob a forma de crime. Na realidade, a família é a instituição mais violenta que possuímos na nossa sociedade se exceptuarmos a militar em tempos de guerra - é o lugar mais provável em se ser morto, assaltado fisicamente e abusado (Langley, 1991). Estudos recentes revelam que as crianças que assistem a violência no casal têm uma grande probabilidade de ter problemas ao nível do seu desenvolvimento psicológico e de ser também vítimas de abuso mais tarde devido à tolerância que

desenvolveram por observar os pais (Strauss, 1979). Ao nível dos problemas psicológicos, o trauma emocional do abuso manifesta-se numa variedade de sintomas como desordens de conduta, desordens de ansiedade, fobias, problemas de sono, sintomas psicossomáticos, evitamento de conflito, baixa auto-estima, e o risco aumentado de se tornarem também abusadores que está definido como sendo entre 2 - 4% superior que o da população geral (Gelles & Conte 1990).

Do exposto se depreende a importância dos serviços prestados a estas mulheres vítimas de violência que devem estar também preparados para lidar com as necessidades complexas das crianças que assistem a violência doméstica ou que são elas próprias vítimas de abuso. 85% dessas crianças estão presentes quando a violência ocorre na família (Gutierrez & Gibson, 1991). Além da observação da violência, o factor tóxico nestas famílias pode também relacionar-se com a falta de qualidade parental que normalmente se encontra associada. Onde existe violência marital, os pais são descritos como ineficazes ao nível da relação pais-filhos, não proporcionando um ambiente que estimula o desenvolvimento destes (Moore, 1977).

Não há dúvida que estas crianças são uma população em risco e necessitam que a comunidade lhes ofereça programas específicos.

3. Sida e Doenças Crónicas

Em relação à Sida existem dois grupos de pessoas: a) as infectadas mas que não apresentam sintomas e b) aquelas que ficam doentes e morrem em pouco tempo. Actualmente é maior o número de pessoas do primeiro grupo. Duma forma geral, esses indivíduos permanecem na sua família de origem. Como consequência a família passa a ter que lidar com um doente crónico e a sua estrutura altera-se ao nível de papéis, e expectativas em relação a esse membro. Normalmente na nossa sociedade, a pessoa que provavelmente cuidará do doente será ou a sua mãe ou esposa o que irá alterar o processo de desenvolvimento normal das famílias além das exigências financeiras que acarreta. Daí a necessidade de apoio especial a este tipo de famílias. Esse apoio deveria ter em atenção a fase da doença, o tipo de família e os recursos existentes a nível do suporte social e mecanismos de "coping".

4. Divórcio

A manter-se o aumento progressivo de divórcios, um grande número de crianças passará a maior parte da sua infância numa família monoparental.

Uma das principais consequências do divórcio a nível social é a pobreza em que muitas famílias monoparentais ficam já que na grande maioria esses lares tem como chefe de família a mãe. Estas famílias apresentam necessidades específicas não só a nível de acesso a infantários, serviços de saúde, habitação, mas também ao nível do suporte social e psicológico.

5. Alterações no ciclo de vida

Embora a taxa de fertilidade tenha diminuído e com ela o número de filhos, as responsabilidades familiares continuam a aumentar. Viver mais tempo significa que

casais na meia-idade irão ter que cuidar não só dos seus filhos mas também dos seus próprios pais simultaneamente. Isto origina uma geração "sandwich", que obriga as famílias a adquirir uma flexibilidade em termos estruturais para poder corresponder às exigências que tal situação acarreta. Em termos práticos isso implica uma grande capacidade de adaptabilidade e requer apoio especialmente para aquelas famílias com dificuldades a este nível.

6. Trabalho

Na transição do século o número de jovens entre a idade de 18-24 (a mão-de-obra trabalhadora tradicional) terá diminuído consideravelmente (Cranston, 1990). As necessidades das empresas serão preenchidas por mulheres, minorias e trabalhadores idosos que não estão a ser utilizados actualmente. Além disso, dois terços desses trabalhadores, no final do século, serão mulheres (Cranston, 1990).

Ainda nesta área, o facto de ambos os pais trabalharem fora de casa tem implicações várias ao nível familiar. Muitas vezes em famílias cujos pais trabalham por turnos, as crianças têm que tomar conta de si mesmas sendo monitorizadas apenas pelo telefone. Além disso existe o problema de conjugação de duas carreiras com a vida familiar o que se torna uma tarefa cada vez mais difícil. Em famílias com casamentos comutários em que uma das carreiras requer mudança geográfica e a família apenas se junta ao fim-de-semana, essas dificuldades tornam-se ainda mais evidentes exigindo destas famílias recursos que elas às vezes não possuem.

Depois de termos descrito brevemente alguns dos principais desafios que as famílias na viragem do século têm que enfrentar, gostaríamos de propor algumas estratégias, que no nosso ver, poderão dar resposta aos desafios apresentados.

Famílias do Século XXI: Oportunidades

1. Reconhecimento de que a família tem recursos

A família precisa de sentir que possui controle sobre o seu destino. É importante que defina objectivos, aprenda a lidar com situações de crise e adquira competências para iniciar mudanças quer ao nível individual quer ao nível comunitário. Para isso é necessário, que os profissionais reforcem os recursos que já possuem. Tais intervenções ajudam a família a manter-se em contacto com os seus suportes naturais tais como a família extensa, igreja e grupos de suporte, de forma a promover a coesão e o sentimento de pertença necessários para que se sintam com capacidade para a mudança. O suporte social é um dos preditores mais fortes na resolução de problemas por parte das famílias. Interessantemente, o aspecto mais importante no suporte social não é a frequência com que a família pede ajuda mas a crença de que o pedido de ajuda trará resultados no sentido desejado (Sarason et al, 1990). Sendo assim, o suporte social torna-se crucial e instrumental na procura da integração social.

Ao nível da intervenção directa, este reconhecimento de que as famílias têm recursos exige abordagens narrativas que se baseiam no pressuposto de que as famílias são peritas no que se refere à sua própria existência (White e Epston, 1990). O conhecimento do profissional não é visto como privilegiado em relação ao do cliente.

da realidade e fornece aos profissionais um léxico diferente daquele usado pela DSM que dadas as suas características, não tem em conta nem as narrativas da família nem a sua cultura. Isto implica a necessidade de formar profissionais culturalmente competentes. Cultura representa a resposta dum grupo à realidade política, económica e social dum país e manifesta-se nos valores, papéis sociais, normas e estilos familiares que é necessário saber ouvir e respeitar nas famílias que procuram ajuda. Assim, o profissional tem que ter consciência das semelhanças e diferenças da sua cultura em relação à da família que está a ajudar para que as estratégias mais adequadas possam ser definidas. Isto exige profissionais adequadamente treinados o que significa que os currículos dos profissionais que prestam apoio a famílias tenham que ser revistos e estarem sempre actualizados.

5. Relação Família - Comunidade

À medida que nos aproximamos do séc. XXI, quer as teorias da família quer a intervenção directa têm de reconhecer, além das diferentes estruturas familiares, a importância da relação entre a família e a comunidade. O próprio sentido de comunidade tem que ser revisto. A questão que se coloca actualmente é: "Como pode a comunidade apoiar as famílias e como podem estas enriquecer a comunidade?" Em termos práticos, a comunidade tem que estar na base do processo que oferece recursos à família. Essa prática tem que validar as famílias em vez de as estigmatizar para isso terá que criar-se uma política nacional que desenvolva "nichos de suporte" para as famílias com necessidades para que possam ultrapassar a desintegração e que vivem resultado das pressões da urbanização, industrialização, novas tecnologias e imperativos económicos. Em termos práticos, isto requer que se criem grupos de suporte para ajudar a família a lidar com as problemáticas que mais as afligem.

Conclusão

No final deste século os dados estão lançados. Dar resposta aos problemas que afectam a nossa sociedade concretamente ao nível do isolamento social dos idosos, anomia experienciada pelos nossos jovens, do abuso e negligência das crianças, uso de drogas, da Sida, falta de habitação e de serviços de saúde entre outros, constitui a missão de todos aqueles que trabalham directa ou indirectamente com famílias.

Neste jogo comunitário todos os participantes têm a ganhar. Compete a todos os profissionais sociais, de saúde física e saúde mental trabalhar em equipas interdisciplinares para em conjunto poder dar-se resposta aos desafios que nos esperam no início do próximo século.